ANO I N.º 2
Número avulso, 5$00

LOURENÇO MARQUES
15 de Abril de 1933

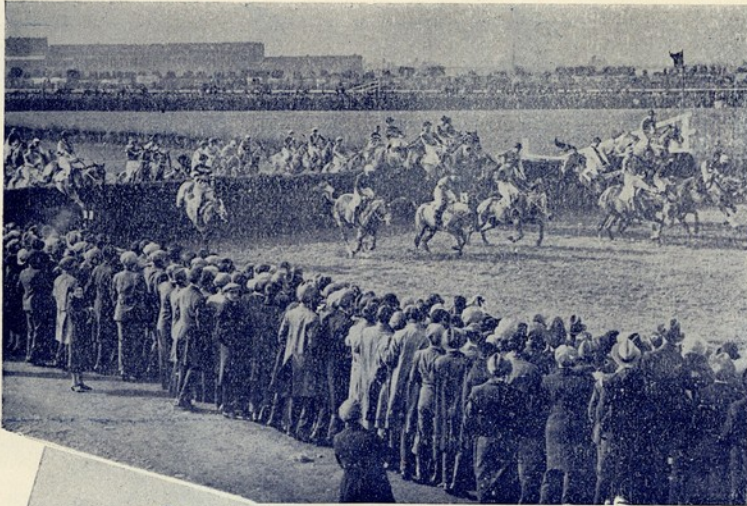
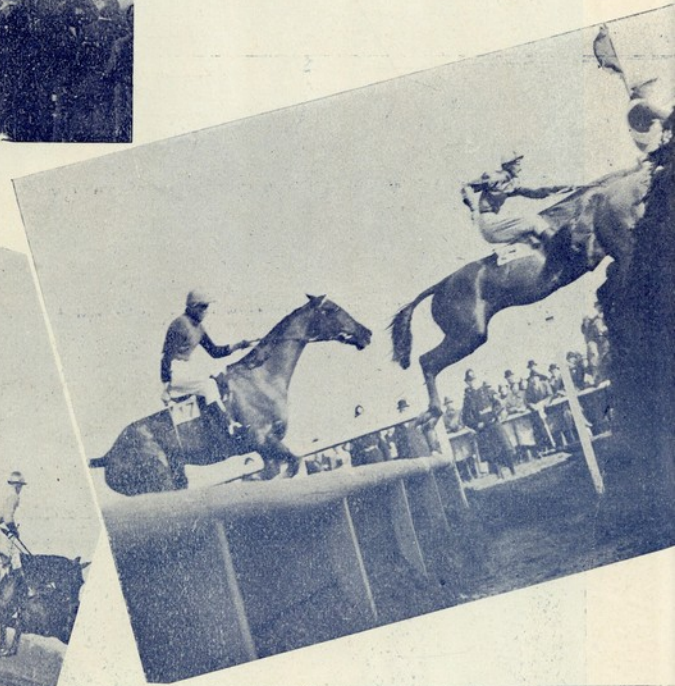
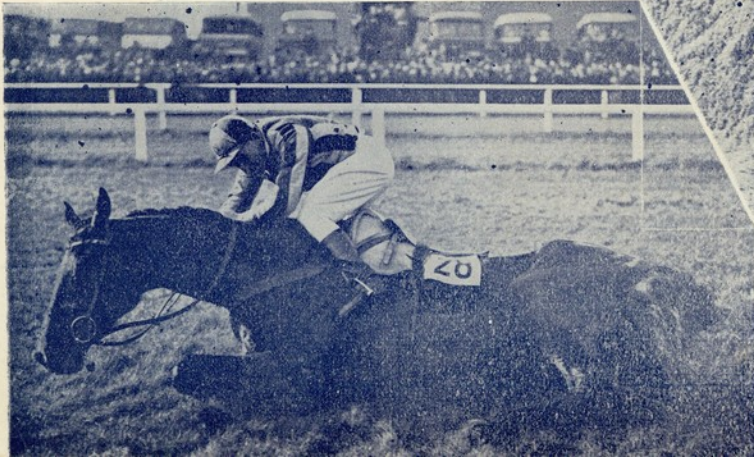
O Ilustrado

Edição gráfica do NOTICIAS

Propriedade da Emprêsa Tipográfica

Director — SOBRAL DE CAMPOS

Sede — Praça 7 de Março

A bela «estrela» cinematografica, Virginia Bruce

A corrida mais dificil do MUNDO

A *GRANDE NACIONAL, que é sem duvida a corrida mais dificil e perigosa que se efectua em todo o mundo, realisou-se no dia 24 de Março em Aintree, Liverpool. O cavalo vencedor «Kellsboro Jack» que chegou á meta com um avanço de três comprimentos, pertence a uma senhora americana e deu aos que nele apostaram 25 libras para 1. Chegaram ao fim 18 cavalos, tendo o percurso sido coberto pelo cavalo vencedor no tempo record de 9 minutos e 28 segundos. No dia da corrida o tempo estava magnifico e milhares de pessoas assistiram às corridas, que são as mais emocionantes do mundo.*

DE CIMA PARA BAIXO

Vista geral do campo ao ser saltada a primeira sebe, e parte da enorme multidão que assistiu às corridas.

Saltando o Bechers Brook na primeira volta.

O «Ballybrack» e o «Master Orange» saltando a grande vala num estilo magnifico.

O «Pelorus Jack», e o «Kellsboro Jack» que foi o cavalo vencedor, saltando a ultima sêbe.

O «Pelorus Jack» caiu na ultima sêbe quando seguia ao lado do vencedor.

Crónica da Quinzena

Para Lisboa partiu, no dia 29 do mês findo, a bordo do «Quanza», da Companhia Nacional de Navegação, S. Ex.ª o Governador Geral, coronel José Cabral, que vai frequentar a Escola de Oficiais, para efeitos de promoção, e tomar parte na conferencia do Império Colonial.

Durante a sua ausencia, e por indicação ministerial, fica exercendo as suas funções, como Encarregado do Govêrno, o tenente-coronel sr. João José Soares Zilhão, ilustre Director dos Serviços da Agrimensura.

Á partida do sr. Governador Geral concorreu bastante gente, alem dos elementos oficiais, apresentando «O Ilustrado», noutra página, alguns dos aspectos da despedida.

* * *

O facto é já conhecido, certamente, de vários dos leitores: Pela morte do doutor Mendes dos Remédios—espírito brilhante e um Mestre que amou o génio literário da nossa terra, muito tendo contribuido para o estudo consciencioso e atento da nossa literatura desde as suas primeiras manifestações — abriu-se uma vaga na Faculdade de Letras de Coimbra. Era difícil preenche-la em face das tradições de competencia e dos talentos do extinto, da notavel e persistente acção por ele desenvolvida, durante anos, no exercicio do seu cargo. A escolha, porém, da pessoa que havia de preencher essa vaga, não podia ser mais acertada.

Por proposta do eminente director da Faculdade de Letras de Coimbra — o grande poeta doutor Eugénio de Castro, que, com o seu espírito culto e a sua inspiração privilegiada, tanto tem enriquecido as letras pátrias — foi nomeado para professor daquela Faculdade, em consequencia do falecimento de Mendes dos Remédios, o ilustre e respeitado professor Agostinho de Campos. A proposta, que obteve o apoio unanime da Faculdade, foi sancionada pelo sr. Ministro da Instrução Publica, que fez a nomeação com os mais justos e merecidos louvores ao velho e insigne pedagogo — agora professor universitário.

Um jornal da penultima mala — «O Comércio do Porto» — insere, em lugar de honra, um artigo de Agostinho de Campos sobre a sua nomeação, artigo que ele intitulou «Exame de consciencia» e que é uma magnifica lição de caracter, de modestia e de probidade profissional.

Não resistimos — ao aproveitarmos o ensejo de endereçarmos a Agostinho de Campos e a Eugénio de Castro os nossos cumprimentos — á tentação de transcrever desse artigo estas palavras finais:

«... Mas o presente reclama e impõe os seus direitos. Tambem hoje há rapazes, e eis-me chamado agora para os ensinar.

Ensinar!... Aprender e estudar junto deles, eis o que poderá fazer um velho que estudou com outros como eles, que aprendeu com esses o amor da eterna beleza literaria, e a quem a vida deu, mais tarde, o hábito do trabalho honesto e sincero, que em si mesmo contem a sua paga mais generosa.

Admirar e trabalhar. Não sei mais nada, e não saberei ensinar mais nada.

Mas tenho em mim esta confiança: vinte e três anos ensinei crianças ou adolescentes e nunca os tratei como homens; isto me faz esperar que não me resignarei agora a ensinar homens como se fossem crianças.

E ouso fazer de mim proprio este grande elogio: juro que, de cada vez que principiou cada uma das mil aulas que dei, nunca me surpreendi a desejar que a hora passasse depressa.

Quanto ao mais, digo como o sacerdote na missa: «Non sum dignus». Mas irei para diante, como o soldado na trincheira.»

Admiravel exemplo o deste velho pedagogo, novo professor universitário!

Acabávamos precisamente de transcrever o ultimo periodo do artigo de Agostinho de Campos, quando um tiro de peça marcou o início dos dois minutos de silencio do 9 de Abril. E o nosso espirito confrangido foi levado, numa rápida vizão, aos campos de batalha, onde tantissimas vidas se perderam e tamanhas riquesas se destruiram! Quadro sinistro e pavoroso, traçado a duas côres — a negro e vermelho — que ainda causa calafrios de horror, apesar de decorridos tantos anos!

Sobre a humanidade, perturbada e aflita, paira novamente, e cada vez mais iminente, a ameaça duma nova guerra mundial — cem vezes mais destruidora do que a ultima. Eclodirá? Na Europa? Incendiar-se-á o rastilho no Extremo Oriente? Não se sabe. O que é certo, porém, é que a atmosfera se apresenta cada vez mais carregada, que as ambições dos povos são cada vez mais desmedidas, que todas as nações se vão armando até os dentes e que a psicose invade muitos espiritos nas altas esferas do mando, com iniludiveis e alarmantes caracteristicas de delirios paranoicos de grandesas...

* * *

O Japão continua a constituir uma seria apreensão para a tranquilidade e o futuro do mundo. Recentemente Lansbury pediu, mais uma vez, na Inglaterra, em nome do partido trabalhista, que sejam aplicadas sanções contra o Japão. Explicando que a medida mais eficaz seria o bloqueio economico, declarou o seguinte:

«Se realmente o governo inglês deseja que o Japão não infrinja os pactos internacionais, abstendo-se de inquietar a China, é preciso que digamos ao gabinete de Toquio: — Não vos enviaremos uma libra de trigo, uma tonelada de matéria prima, nem um unico objecto que vos permita entrar na guerra».

E acrescentou:

«Estou convencido de que, se os Estados Unidos, os países continentais e a Grã-Bretanha se puserem de acordo para tomar esta atitude, o Japão desistirá dos seus propósitos».

É possivel que assim sucedesse. Mas o que se nos afigura é que o sr. Lansbury, apesar da tão apregoada fleugma britanica, está sendo um sonhador mais meridional que os meridionais, pois tal acordo, no momento presente e no pé em que as coisas se encontram na velha Europa, é absolutamente impossivel.

De resto, formidavel e aturado bloqueio economico sofreu a Russia bolchevista — e demais a mais num periodo eriçado de contra-revoluções internas — e não conseguiram os organizadores e executores desse bloqueio deter ou desviar a marcha dos acontecimentos...

* * *

Pelo nosso porto passou, há dias, o paquete inglês «Carinthia», de 20:000 toneladas, que anda fazendo a volta ao mundo.

O «Carinthia», que é um explendido barco, chamou, como é natural, as atenções da população de Lourenço Marques, que acorreu, curiosa, á ponte-cais.

Os passageiros — que desembarcaram e durante 24 horas emprestaram alguma animação á cidade — eram quási todos (homens e senhoras) pessoas no ultimo quartel da vida. Dizemos quási todos porque, pelo menos, entre eles se encontravam duas frescas e simpáticas mocidades femininas, que devem viver no barco como duas flores raras nas areias adustas dum deserto...

Esta volta ao mundo, com tais passageiros, dá-nos a impressão dum cruzeiro da Velhice, ante-camara do cruzeiro da Morte.

E pensamos que estes «touristes» devem ser, uns, pessoas abastadas, outros nem isso, que sacrificaram uma insignificante parcela das suas fortunas, ou uma grande parte das suas economias, para fazer esta viagem e correr mundo desconhecido, antes de empreenderem a derradeira viagem que, para muitos, deve estar proxima.

Em Mombassa — segundo nos disseram — ficou sepultada uma passageira de avançada idade. Essa senhora, por infelicidade sua, não conseguiu completar a volta ao mundo. O cruzeiro da Morte surpreendeu-a no caminho e deixou-a em terra estranha.

Uma nota: a viagem desta volta ao mundo, no «Carinthia», custa, conforme as classes, de 450 a 2:500 libras.

* * *

Intenso e rigoroso foi o inverno, este ano, em terras de Portugal. Registaram-se temporais violentos, em muitos pontos as mais baixas temperaturas de que há memoria e nevões frequentes e excepcionais.

Em fins de Fevereiro os nevões que cairam na Serra da Estrela atingiram invulgares proporções, fazendo que os elevados planaltos dos Herminios revestissem aspectos panoramicos deslumbrantes e imponentes.

A Serra foi muito visitada, nessa temporada, por turistas que a ela foram em demanda de sensações novas naquelas paragens nevadas e dos respectivos desportos já tão apreciados em Portugal.

Quem, como nós, já percorreu a Serra e dela guarda, religiosamente, as mais gratas impressões das surpreendentes cenografias que dela se disfrutam, compreende perfeitamente o interesse e o encantamento de quantos a ela acorreram.

A excursão atravez dos seus pontos mais altos, empreendida pelo arrojado desportista Ziller Pérez, prendeu as atenções e causou, mesmo, momentos de espectante emoção, por se ter chegado a admitir o seu desaparecimento, a 1:990 metros de altura, no seio da neve, visto que resultaram infrutiferas as pesquisas a que diversos elementos do Ski Club de Portugal, divididos em grupos — uns pelos Cantaros, outros por Manteigas — haviam procedido.

Felizmente a tragédia não tivera lugar. E, dias depois, Z. Pérez, tendo conseguido vencer inumeros perigos e precipicios, e tendo visto, por diversas vezes, a morte a espreitá-lo na sua frente, deu entrada, no meio da mais agradavel surpresa de todos, na pensão onde estava hospedado, nas Penhas da Saude.

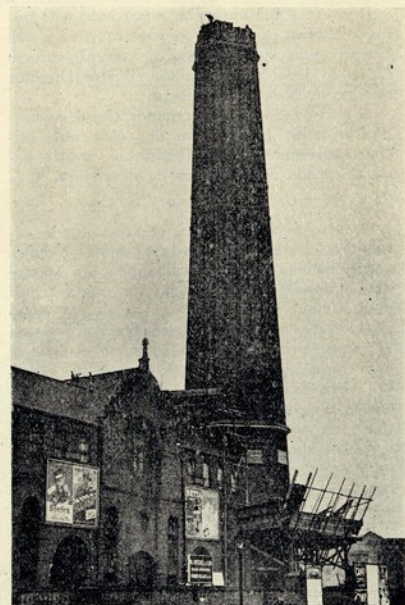
A Serra da Estrela — pelo que referem noticias recentemente chegadas da Metropole — tem estado este ano excepcionalmente animada, sendo frequentada por bastantes pessoas da melhor sociedade.

* * *

Toda a Imprensa local se referiu, com palavras de simpatico acolhimento, ao aparecimento de «O Ilustrado».

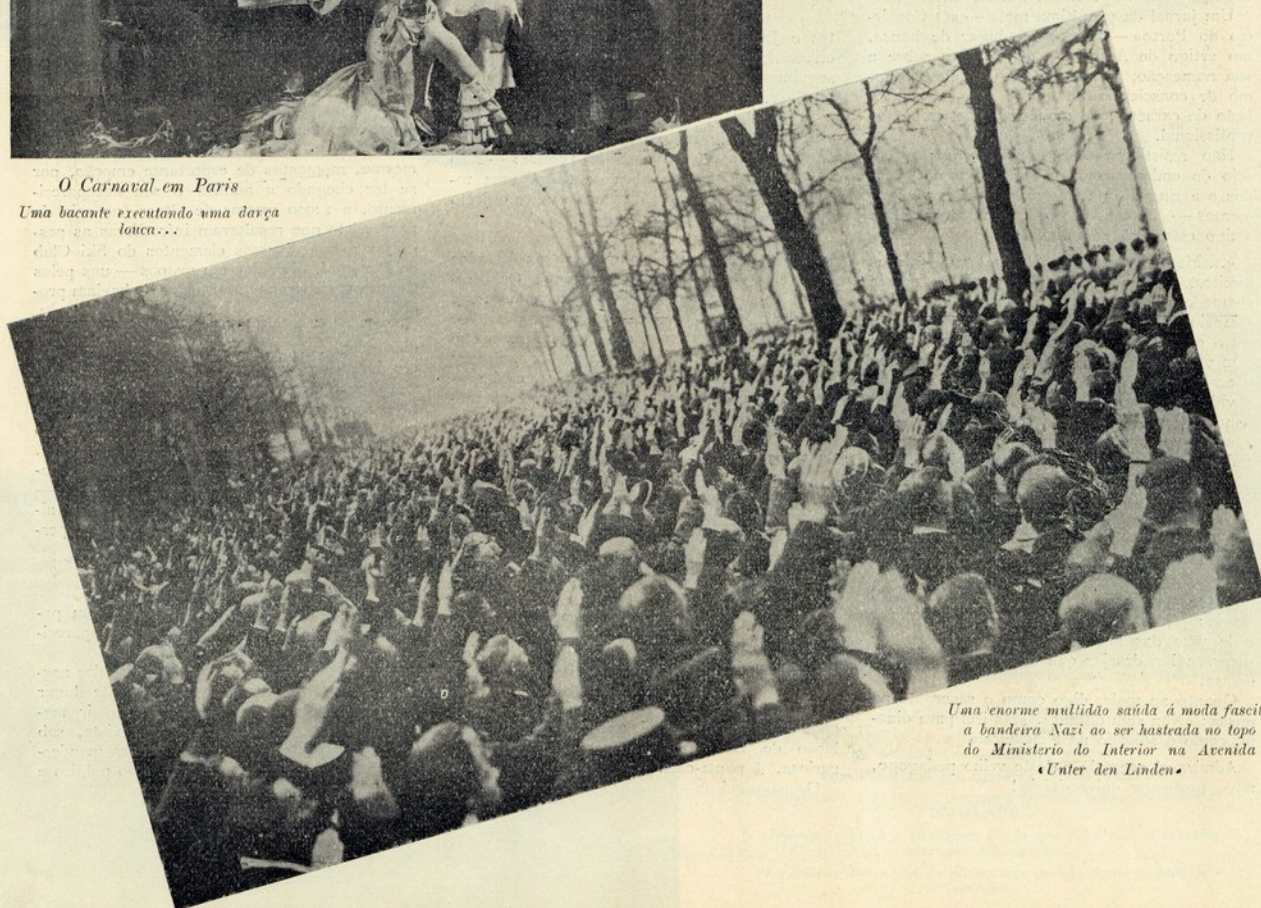
Agradecemos as amaveis referencias dos nossos colegas, procurando, como neste lugar já prometemos no primeiro numero, ir melhorando gradualmente a nossa revista, sob todos os aspectos, por forma a correspondermos á anciedade e ao acolhimento do publico e a bem cumprirmos a nossa missão.

Actualidades

do ESTRANGEIRO

Em Viena de Austria 100.000 trabalhadores reclamam trabalho, pão e liberdade.

Uma chaminé de cerca de 85 metros de altura, na cidade de Londres, que não podendo ser deitada a terra duma só vez, está sendo desmanchada tijolo a tijolo.

O Carnaval em Paris

Uma bacante executando uma dança louca...

Uma enorme multidão saúda á moda fascita a bandeira Nazi ao ser hasteada no topo do Ministerio do Interior na Avenida «Unter den Linden»

O Teatro

e as suas deusas

A senhora Cécile Sorel é uma das actrizes mais cotadas da «Comédie Française». Nunca tive a honra insigne de a ver representar. Mas creio que o seu talento de comediante é real e quási tão fascinante como a distinção principesca da sua figura. A minha convicção baseia-se nos hinos entusiastas que, em louvor dessa estrela, têm sido compostos pelos melhores astronomos-poetas dos observatorios jornalisticos. Se eles abusaram da minha bôa-fé, aqui lhes concedo espontaneamente o meu perdão. Eu sei, por experiencia propria, quanto a carne é fraca e com que facilidade o decote malicioso de uma actriz ou a plástica provocante de uma «écuyére» fazem abrir, no chafariz da critica, a torneira das hipérboles laudatórias... O facto de a senhora Cécile Sorel já não ser, pela idade que possue, comparavel em frescor ás rosas em botão, não deslustra os seus apaixonados panegiristas. Há quem assegure que os frutos bem maduros e até um pouco sorvados têm refinado sabor. E não faltam voluptuosos olfactivos, habituados a haurir os mil perfumes dos jardins femineos, para quem é requinte de prazer sentir as derradeiras emanações odoriferas das flores que se desfolham.

Admitamos, pois, que a senhora Cécile Sorel é, no exercicio da sua arte, uma assombrosa divindade, uma verdadeira musa, com feitiços de talento e de garridice suficientes para tresloucar todos os pseudo-Aristarcos que pontificam nas gazetas. Mas esses dons, tão invejados, não conseguem encobrir, a despeito da espessura do seu decantado verniz, a petulancia grotesca da célebre madame e o esqueleto grosseiro da sua educação. Considera-se impecável em cêna. Vangloria-se de ser a mulher mais bela de França. Sorri, desdenhosa, quando algum dos velhos sátiros dos bastidores a compara á maravilhosa Minerva, sua colega no cenáculo do Olimpo. Entende que o publico deve cair em êxtase, derreter-se de admiração, todas as vezes que ela desprende da laringe os timbres, outrora cristalinos, da sua voz. Imita, no palco, as atitudes e as expressões de todas as Venus dos Museus e está convencida de que o seu corpo tem a perfeição escultural dos mais nobres modelos de Phidias. E alardeia todos estes predicados sublimes, apesar da sua vetustez, evidente no mosaico fendido do seu rosto, que as pomadas e os carmins não conseguem restaurar...

Há anos, já quando a pretensiosa madame começara a deslizar pela rampa da velhice, um pintor esperto impetrou-lhe licença para a retratar em tamanho natural e na postura divina mais catita. A senhora Cécile Sorel condescendeu, na antevisão, para ela deliciosa, da côrte assidua que os seus adoradores, em chusma, fariam decerto á sua imagem... Durante as sessões de «pose», o artista, precavido, não a deixou examinar a tela. Reproduziu o modelo com exactidão, sem o desfear nem embelecer, com todos os estigmas de arrogancia e de fatuidade, sem omitir nenhum dos indicios fisionómicos de flacidez e de ruina. A ninfa decadente parecia de carne e osso... Mas quando ela se viu assim espelhada, numa Exposição, pela maliciosa paleta do pintor, a cólera e o despeito transformaram-na em megera. Não dispunha, como as furias mitológicas, nem de archote chamejante nem de punhal afiado. Bastou-lhe, porém, para satisfazer a ansia de vingança, a fina tesoura, em miniatura, de cortar as unhas... Num instante, o quadro foi picado, rasgado, feito em frangalhos. E para tudo lembrar o teatro naquele episodio teatral, restos de tela ficaram pendentes da moldura como pedaços de cartaz amolecido e lacerado por chuvada torrencial.

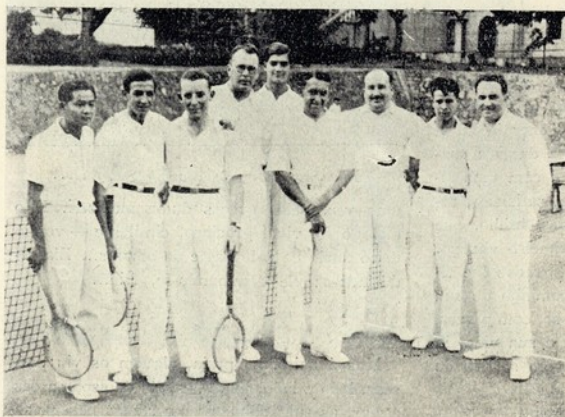
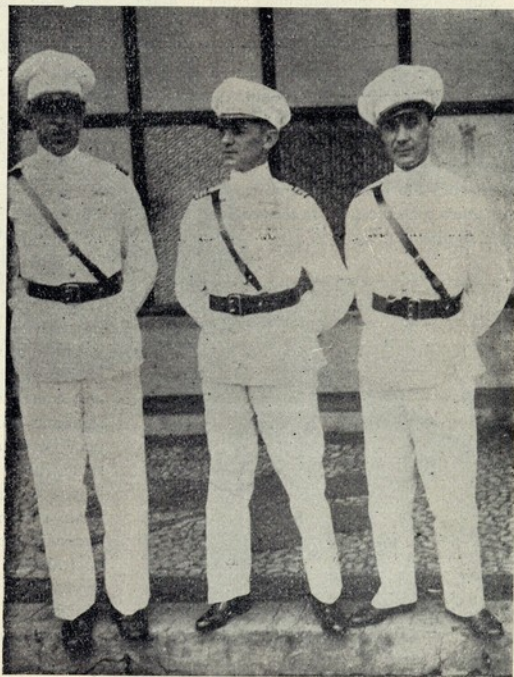
São sem conto os incidentes espalhafatosos provocados pela vaidade, pelo excesso de bilis e pelos instintos felinos da emmurchecida divindade. O mais recente deu-se há dias, perante os espectadores selectos da «Comédie-Française». Representava-se «Sapho», a peça famosa de Alphonse Daudet e de Adolphe Belot. A senhora Cécile Sorel, depois de se ter banhado no camarim em água de Juvencia, surgiu em cena a volitar como protagonista. Mas, talvez por não haver tomado banho a preceito, num dado momento as suas asas — asas de postiça juventude — principiaram a fraquejar. Houve, na assistencia, quem murmurasse ironias. Houve mesmo irreverentes, nas primeiras filas de cadeiras, que se permitiram sorrir, sarcásticos. E então a deusa perdeu a majestade e o tino. Se a auréola fosse pesada

(Continua na pagina 32)

O Vulto da Quinzena

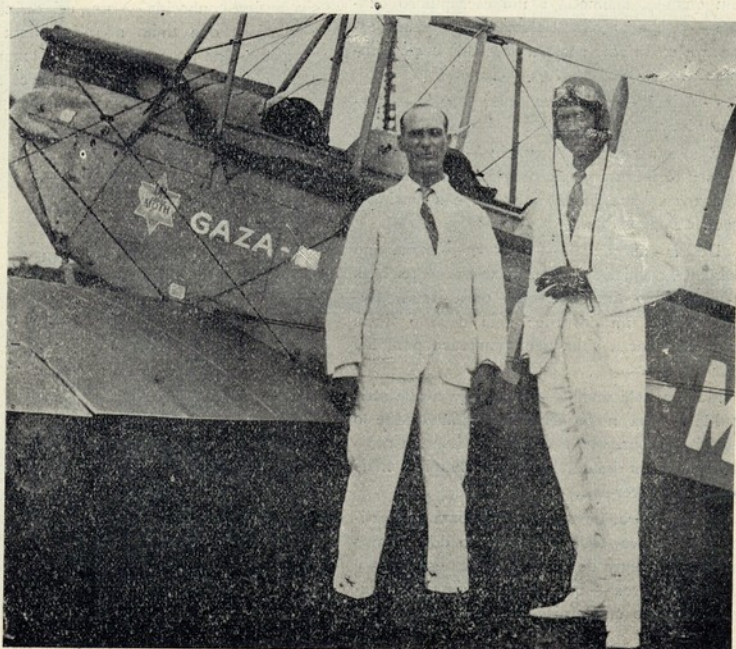
Prègando aos peixinhos...

Vida Desportiva

O grupo de honra do Sporting Club de Lourenço Marques que em Benoni, Transvaal, realizou uma excelente exibição

Os tenistas que no Lourenço Marques Lawn-Tennis Club disputaram a taça «Gouveia Pinto»

Os capitães Luciano Granate e Luiz Figueiredo, e tenente Luiz Demony, concorrentes ás provas hipicas da Agricultural Show, em Joanesburgo

Passeio aéreo a Lisboa

O facto eminente da quinzena desportiva foi inquestionavelmente o inicio do vôo de Vila João Belo a Lisboa, que os arrojados aviadores civis Armando Torre do Vale e Amadeu de Araujo se propuzeram realizar, tripulando um «Puss-Moth» crismado «Gaza III».

Embora os dois aviadores, com simplicidade, considerem o seu *raid* um «passeio de turismo», o feito é daqueles que ha que considerar desportivos, pela audácia, pela energia, pela aficion que requere. Registando-o como tal, ficamos comovidamente aguardando que o «Gaza III» paire, altaneiro, no azul do céu de Portugal.

Na gravura: *O aviador civil Armando Torre do Vale e o sr. Amadeu de Araujo.*

de manhã, de tarde e á noite

CONTO RAPIDO

POR SOBRAL DE CAMPOS

Nunca, como naquela manhã, experimentara um sentido tão claro da vida. Havia muito tempo que não conseguia ser plenamente senhor de si, nem encontrar, atravez da sua perturbada existencia, uma diminuta parcela da alegria de viver. A sua profissão desagradava-lhe profundamente, o trabalho era-lhe penoso em extremo, as relações sociais não tinham para ele o mais insignificante interesse e o futuro era uma palavra desprovida de qualquer significado...

— Afinal, porque vivo?...

Quantas vezes, no seio da desordem de todos os seus actos e atitudes — que, de quando em quando, submetia a um escrupuloso exame — se reconhecia, tristemente, como um espectro, como uma sombra passando entre sombras?!...

— Afinal, — preguntava a si proprio — porque vivo?...

E não raramente acontecia — ao formular, no seu fôro intimo, esta pregunta angustiosa — visionar na sua frente, metalico e sombrio, o cano duma pistola...

Deixar de existir — pensava — seria, na verdade, a unica solução logica e decente. Mas tambem não tinha coragem para isso... Reconhecia-se um covarde: nem decisão firme para dominar a vida, nem tampouco para lhe pôr um fim.

Mas naquela manhã — não sabia a que atribui-lo — uma nova claridade iluminara-lhe o espirito e começava a ver a vida por um novo prisma: mais desanuviada, mais limpida, mais digna de viver-se...

Rememorara, uma vez mais, numa vizão rápida e incisiva, todo o descalabro dos ultimos anos. E, atravez do desfilar desses episodios e desses quadros — que uns aos outros se sucediam como que projectados num «ecran» — sentiu-se, subitamente, mais espectador do que personagem daquela tragi-comédia que psicologica e socialmente o submergira, destruindo-lhe a vontade, inutilisando-lhe a capacidade produtiva, matando-lhe o encanto de viver, colocando-o nas fronteiras sombrias da loucura. E, dali, do seu «fauteuil», assistindo, com espirito critico, ao desenrolar desse filme, reconheceu que todos, ou quási todos os desastres da sua existencia tinham derivado absolutamente da marca profunda e indelevel que as mulheres haviam posto na sua alma sensivel, mercê de amores absorventes e fatais que o tinham dominado totalmente. E sentiu-se infinitamente ridiculo, tristemente grotesco...

Vinda não sabia donde, uma energia moça irrompera no seu espirito á luz daquela manhã encantadora e suave. E foi com uma fisionomia transfigurada, risonho, satisfeito, senhor de si, o olhar com um novo brilho, que se assentou á mesa para o primeiro almoço. Nunca o café com leite e as torradas lhe tinham sabido tão bem! E, a caminho do seu escritorio, decidido a reintegrar-se, com prazer, no trabalho e a pôr em ordem a sua vida, ia comentando mentalmente, com um sorriso de triunfo:

— O demonio leve as mulheres...

* * *

Nesse mesmo dia, á hora do chá, numa pastelaria, encontrou, numa mesa proxima, uma sua antiga conhecida — uma criaturinha gentil e graciosa que tinha no olhar uma ardente promessa e na boca um poema de amor... Couraçado, como estava, contra todas as seduções

— O demonio leve as mulheres...

e todos os encantos femininos — agora que se reconhecia outro, muito diferente, capaz de se rir, interiormente, de todas «elas» — não teve duvida em estabelecer conversa com aquela gentil criaturinha de quem em tempos fugira, covardemente, com um profundo receio de apaixonar-se, de se deixar dominar, mais

Ela seduzindo-o; ele dominando-se, frio...

uma vez, pelas graças duma mulher... E o dialogo foi vivo, gracioso, cintilante — verdadeiro duelo de palavras e de olhares... Ela seduzindo-o; ele dominando-se, frio...

* * *

Mas á noite, na praia, alguem os viu passear, lado a lado, junto á renda de espuma das águas, as suas silhuetas recortadas pela prata

As suas bocas se uniram...

dum clarissimo luar... E ouviu, sem o querer, esta idilica conversa:

Ela — Gostas muito de mim?

Ele — Gosto.

Ela — Falas com sinceridade?

Ele — Falo. Bem o sabes...

Ela — Então porque não casas comigo?!...

E, sob o palio setinoso e resplandecente da lua, as suas bocas se uniram num profundo beijo que o rumor das águas levou...

(Titulo de Ferreirinha. Ilustrações de Vilela)

Velho Porto

Ribeira! Velho bairro dum velho burgo!

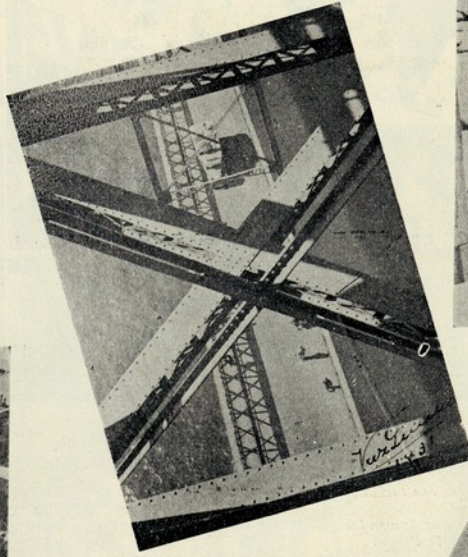
Ancoradoiro milenário de barcos aljofarados de frutas variegadas ou submersos dolorosamente ao peso dos barris licorosos que os ajoujam!

Desaguam no cais humilde a que os «rabelos» atracam sem bulicio, ruas arcaicas onde cada pedra fala de um século e os lampiões chumbados ás paredes lembram a remota época de ontem... que já vai tão longe...

E a nossa hora marcada pelo esgalgado e gigantesco passo da ponte de ferro, transpondo fácil e altivamente o pego horrivel onde ficaram tantas vidas sacrificadas ao nascimento do deus tumultuoso da vida moderna.

Alem as «alminhas» floridas, uma assadeira de castanhas, um carro de bois e mulheres do povo, guardando a tradição em seu vestir; falam de Antanho.

Em cima: — Quentes e boas!...

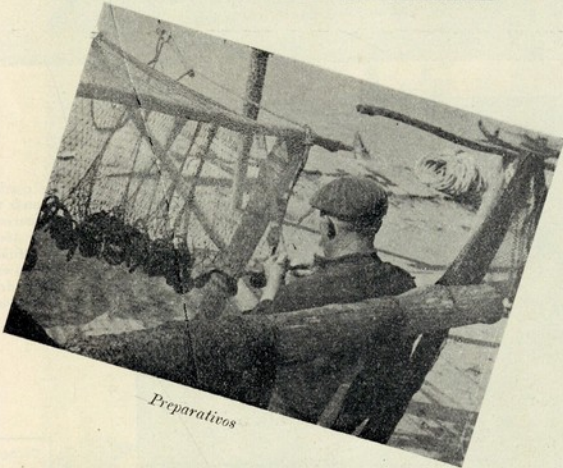
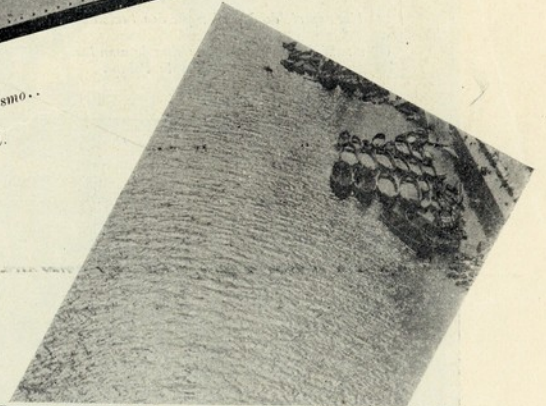
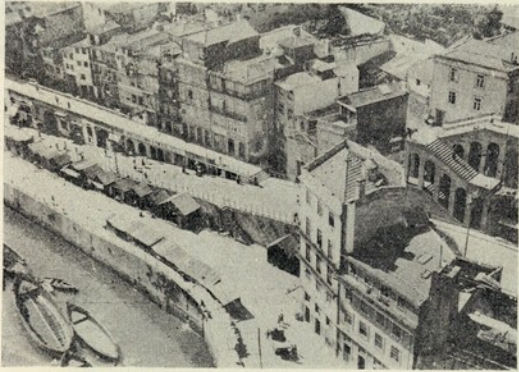
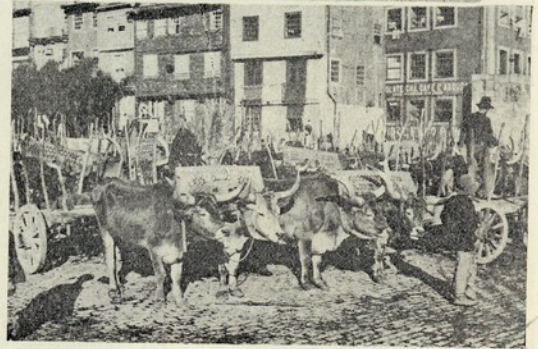
Em baixo: — Barcaças.

Em cima: — Modernismo..

A' esquerda: — Linha geral.

Preparativos

A' esquerda: Pobresa e paciencia.

—

A' direita: Tradição...

Mais longe as chaminés, os guinchos, as gruas roncam a ferrugenta sinfonia da vida moderna.

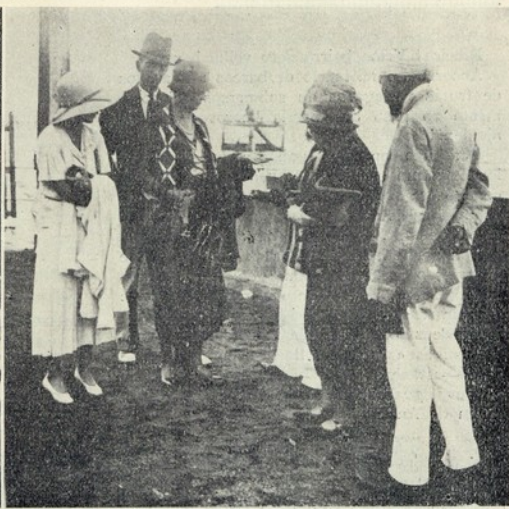
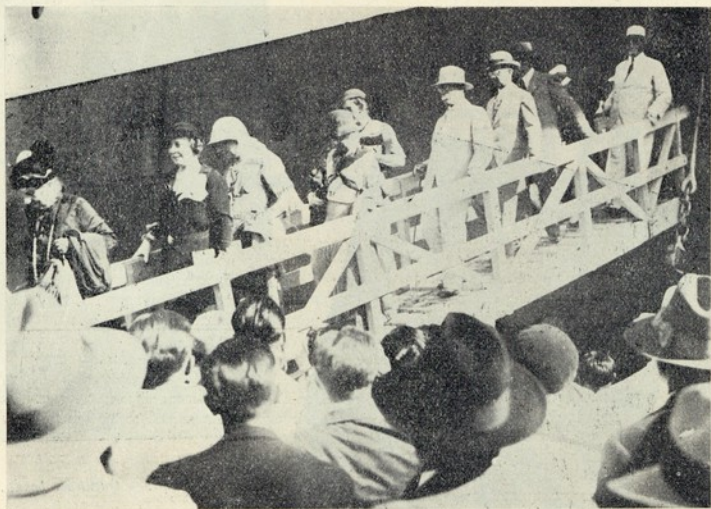
A paisagem, rio abaixo, é um constante cruzar de mastros de veleiros condenados, e chaminés, berrantes de côr, que atiram ao espaço a basófia fumarenta das máquinas poderosas.

Ao longe, já quási coberto de barracões espreita o camiliano Candal a olhar de frente Monchique onde morreu Tereza a ver partir Simão... e Mariana.

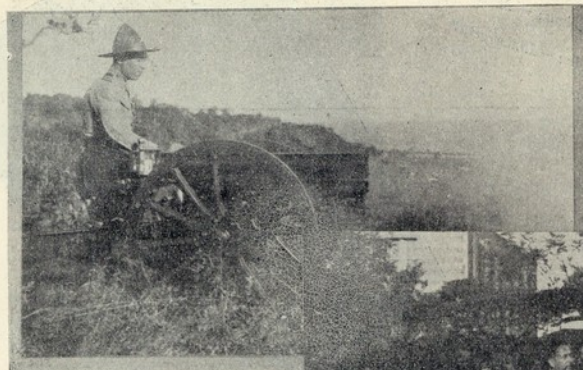
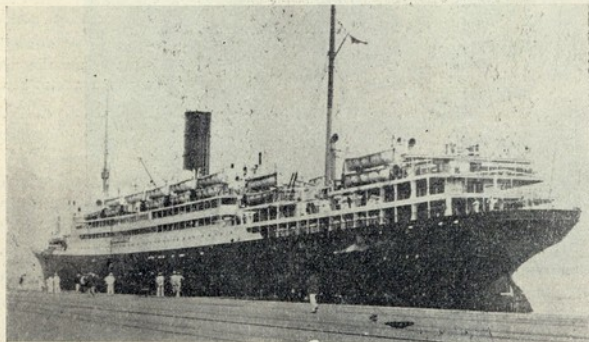
Ribeira! Encruzilhada dos séculos! Velho bairro dum velho burgo! Caracteristico lugar de Portugal que resiste com afan e teimosia ao uniformismo americano e anguloso dos tempos modernos.

C. de B.

Fotos VAZ GUEDES (Amador)

Actualidades locais

O grande paquete "Carinthia", da Cunard Line, que esteve no nosso porto nos dias 8 e 9, na sua volta ao mundo, trazendo a bordo 235 turistas

Um aspecto do desembarque dos turistas do "Carinthia,,

O "monhé das sinas,, lendo a sina de uma turista do "Carinthia,, na praia da Polana

O tiro de artilharia que anunciou, na Machaquene, os dois minutos de silencio na tarde de 9 de Abril

Grupo de combatentes da Grande Guerra que compareceram no dia 9 de Abril na Praça MacMahon no local onde vai ser erigido o padrão de Lourenço Marques

Um aspecto dos antigos combatentes, durante os dois minutos de silencio, na Praça MacMahon

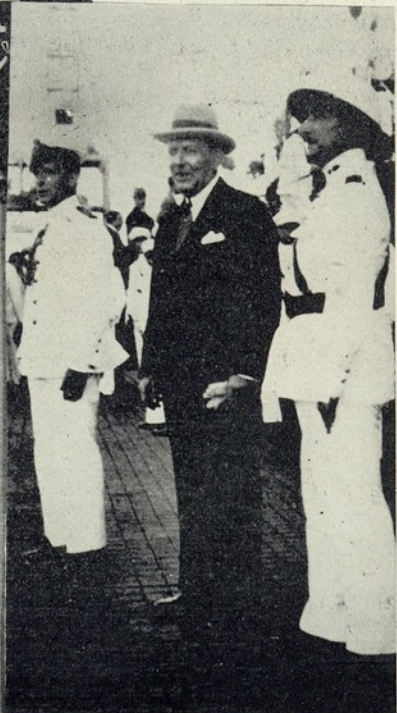
A assistencia ao desafio de futebol no campo do Desportivo prestando homenagem aos mortos da guerra

A partida do sr. Governador Geral

para a Metropole

O sr. Governador Geral, coronel José Cabral, no deck do «Quanza»

Um aspecto da despedida

A multidão que assistiu na ponte-cais ao embarque

Outro aspecto da despedida

O sr. Bispo de Augusta despedindo-se do sr. Governador Geral

O sr. Governador Geral, tendo à esquerda o tenente-coronel sr. Soares Zilhão, Encarregado do Governo, assistindo ao desfile da guarda de honra na ponte-cais

Os olhos mais azuis de Hollywood!

Em todo o Hollywood não há olhos mais azuis do que os de Maureen O'Sullivan.

São a primeira coisa que as pessoas que a encontram notam: — os seus olhos de um azul encantador, de um azul purissimo, circundado por pestanas densas e negras. Muitos dos jovens filhos de Hollywood se sentiram inspirados por esses olhos peregrinos e lhe dedicaram versos.

Há tempos, perdi uma tarde inteira para arrancar uma entrevista a um rapaz que acabava de enfileirar nas hostes cinematográficas e tivera uma prometedora estreia; pois não o consegui — durante todo o tempo só me falou em Maureen, preso de devaneios, louco de entusiasmo. .

Mas não são só os seus olhos que cativam, é tambem a sua voz que enfeitiça. Essa irlandesa nascida em Dublin, que fala com vivacidade e ao mesmo tempo com languidez, nunca «come» uma silaba embora ligue rápidamente as palavras dando-lhes uma entoação harmonica e fascinadora. O rapaz a que há pouco me referi gastou três quartos de hora, pelo menos, a contar-me como a voz de Maureen o havia hipnotisado e como havia hipnotisado igualmente o seu Director, que é muito mais velho e muito mais sabido...

Não há homem que chegue á fala com ela que não caia sob a sua influencia. E não faz o mais ligeiro esforço para os atrair. É talvez este o segredo do seu encanto. Aceita todos os galanteios masculinos, serenamente e docemente. E resiste a eles porque só uma ou duas vezes se deixou envolver nas teias do amor, amando então com loucura e sinceridade. Agora pede a Deus — se não é verdade, a mentira não é minha — que a livre por muito e muito tempo de um novo ataque dessa doença...

Maureen não possue aquilo a que se chama uma cara bonita. Os seus olhos são adoraveis, e tem uns cabelos, castanhos escuros encaracolados, que são bonitos, sendo ainda bonita a sua pele e lindos os seus dentes brancos de jaspe e bem alinhados. Mas está longe de ser uma beleza estonteante. É mais uma beleza serena e doce, do que uma beleza de traços perfeitos e linhas classicas.

Ás vezes Maureen, quando está com a "neura", passa um dia na praia

Maureen acha aborrecida a vida de telefonista, quando não ha conversas para... escutar

Veio para Hollywood há três anos desempenhar um papel ligeiro na «Cantiga do meu Coração», fita de John Mc Cormack.

Hollywood, de começo, perturbou-a e meteu-lhe medo. Esse tempo já lá vai há muito tempo. Durante estes três anos teve muitos desgostos e muitas desilusões. Mas nada disso maculou a frescura da sua mocidade, nada modificou essa bondade atraente que faz com que seja considerada a personificação duma rapariga irlandesa perfeita.

Porque Maureen conserva ainda aquelas maneiras frias e bonitas que aprendeu nos conventos em que foi educada na Irlanda e na França, uma delicadesa inconsciente, uma timidez encantadora que a deixam imovel e quási muda em presença de estranhos.

De resto é irrequieta, nunca pára um momento nem fisica nem mentalmente. Senta-se á beira das cadeiras como as crianças ou como se estivesse para se levantar. Fala com uma velocidade tal que dá a impressão de que julga as palavras insuficientemente rápidas para acompanhar os seus pensamentos.

De principio viveu no Studio Club que é o «albergue» em que «asilam» todos os recemchegados. Depois arranjou uns quartos modestos em que viveu sosinha; e só agora montou uma pequenina casa com a sua melhor amiga, uma rapariga chamada Kay English, com quem travou conhecimento no «Studio Club» no proprio dia em que chegou.

É uma casita de quinta mexicana, nos arredores de Hollywood. Fica isolada e á noite as luzes da cidade vêem-se ao longe, muito ao

longe brilhando como um colar de diamantes. Uma velhota toma conta da casa e olha pelas duas raparigas...

Maureen recebe rarissimas vezes, e quando recebe só transpõem os hombrais da sua porta as amigas mais intimas. Tem medo de festas e na sua intimidade só entram as pessoas que conhece muito de perto.

Ao contrário do que seria de esperar, a feliz possuidora dos olhos mais azuis de Hollywood, é indolente. É indolente e não o nega. É especialmente indolente para as coisas que tem de fazer e que não quere fazer. Para o que a interessa a sua energia não tem limites. Mas as coisas correntes da vida diária como seja comprar um novo par de meias, deixa-as sempre ficar para... amanhã.

Como todas as mulheres adora vestidos e roupas de baixo. Mas compra-as ás revoadas, quando não tem outro remédio senão comprá-las. Detesta o acto material de entrar numa loja, escolher e provar aquilo de que precisa ou não precisa. O mal, porém, está em começar, porque então, então, nem ela sabe quando há de parar e só o depósito bancário lhe dá o aviso de que não pode ir mais além.

Os vestidos que mais a seduzem são os que têm o cunho desportivo. Embonecar-se dentro de um vestido que lhe tolha os movimentos, não é com ela; prefere sentir-se livre e á vontade. Quanto a chapeus, os caros que as pessoas de bom gosto oficial consideram «chics», não gosta deles; no entanto tem dezenas de pequenas boinas de algodão, a condizerem com todos os vestidos e com todos os casacos do seu guarda-roupa.

Conserva a pele macia, branca e aveludada com muito sabonete bom, água quente e «cold cream».

Usa apenas pó de arroz côr de carne e uma

Transformada em "Um rapaz de pé descalço" vai á pesca levando para isco uma lata com minhocas

Embora lhe custe muito, Maureen faz todas as manhãs um bocado de exercicio antes de ir para o "Studio,,

pontinha de «rouge» nos lábios quando sai para a rua. Nunca se deixou prender pela loucura da tez morena, tostada pelo sol, agora tanto em voga entre as raparigas de Hollywood.

Maureen, como disse, é indolente, e como indolente que é não se entrega a exercicios físicos excessivos. Se os cultiva um pouco é porque lhe fazem bem. Joga um bocado de golf e para forçadamente o jogar recebe lições. De longe em longe deixa-se convencer a jogar uma partida de tenis. Por vezes dá o seu passeio a cavalo. O unico exercicio de que gosta a valer é... dançar. Mas tambem dança ás revoadas. Durante um tempo dança com entusiasmo, não falta a um baile, depois cansa-se, desaparece, ninguem a vê. Passados tempos volta a dançar com mais energia e com mais alma...

A sua côr favorita é o azul, e gosta de rosas silvestres mais do que qualquer outra flôr.

Nunca usa perfumes fortes, exoticos. Só agradam á sua sensibilidade os aromas discretos e simples das flores.

Não gosta muito de ler, mas quando lê gosta de o fazer enrolada num sofá e tasquinhando uma maçã.

Toca um bocadito de piano, mas nunca teve um grande interesse no estudo de musica. Fala admiravelmente francês e está neste momento recebendo lições de alemão.

Espirito irrequieto, Maureen odeia as banalidades de todos os dias, gosta de modificar tudo constantemente, e por isso, tudo junto dela varia desde os produtos de beleza que guarnecem o seu «boudoir» até á hora a que toma as refeições. Por vezes não pode estar sosinha, e deseja sempre á sua volta grupos diferentes de pessoas. Depois entra num periodo de isolamento e solidão.

Não tem uma aspiração definida. O seu unico objectivo é conseguir a perfeição em qualquer coisa. Gostava de poder dizer daqui a dez anos que fez de facto qualquer coisa que mereceu a pena fazer. O que será essa «qualquer coisa» nem ela mesmo o sabe. Anda ainda ás apalpadelas, sem uma idea definida...

Há uma coisa que a preocupa e arrelia — é a vida ser curta. Deseja acumular todo o saber e toda a experiencia que é possivel acumular na pequenez da vida. É por isso que nunca pára, que deseja andar de um lado para o outro e ver coisas...

Não admira. Maureen é ainda tão nova, tão encantadoramente nova, e depois... depois possue os olhos mais azuis de Hollywood.

Eleanor Packer.

Um motivo de divorcio

São diversas as causas dos divorcios. Há algumas, porem, que não se encontram previstas na lei, nem na portuguesa, nem na doutra qualquer nacionalidade — que nos conste... E, então, tem o julgador que entender que não podem constituir motivo para divorcio, ou que sobrepor-se á lei para, com o seu alto critério, suprir as suas deficiencias e os seus casos omissos...

Tal não poderia suceder — pensamos — com os nossos tribunais e com a organização da nossa justiça.

Mas pode acontecer noutros países. É esta a conclusão a que várias vezes temos chegado, ao tomarmos conhecimento de curiosissimas sentenças de divorcio proferidas em tribunais estrangeiros, e especialmente na América.

Agora surge-nos esta, que lemos num jornal da Metrópole e em telegrama de Los Angeles.

Eis o caso:

O sr. e a sr.ª Johnson haviam casado por amor e sob os melhores auspicios.

O sr. J. N. Johnson sempre fôra dotado dum temperamento alegre, apresentando, por isso mesmo, uma permanente boa disposição. Tal temperamento nunca desagradara á noiva, e, tanto assim era, que deliberou casar e se sentiu feliz com o seu jovialissimo marido.

Aconteceu, porém, que, tempos passados, o caracter alegre do sr. Johnson, longe de sofrer qualquer alteração para o lado oposto — para o sério ou para o triste — exacerbou-se no sentido de uma mais exuberante boa disposição.

E ria, ria, ria sempre. Se a sr.ª Johnson mudava o penteado, o seu jovial marido, não podia conter o riso. Ria-se com vontade, a bandeiras despregadas, na presença de todos os vestidos que ela estreava. E se a sua querida mulhersinha deixava queimar o doce que devia aparecer á sobremesa, em vez de se zangar, ria-se muito, tambem...

A sr.ª Johnson entrou de andar com crises de nervos em consequencia de tanto riso. E um dia, não podendo mais sujeitar-se áquele ambiente, resolveu pedir o divorcio com esse fundamento.

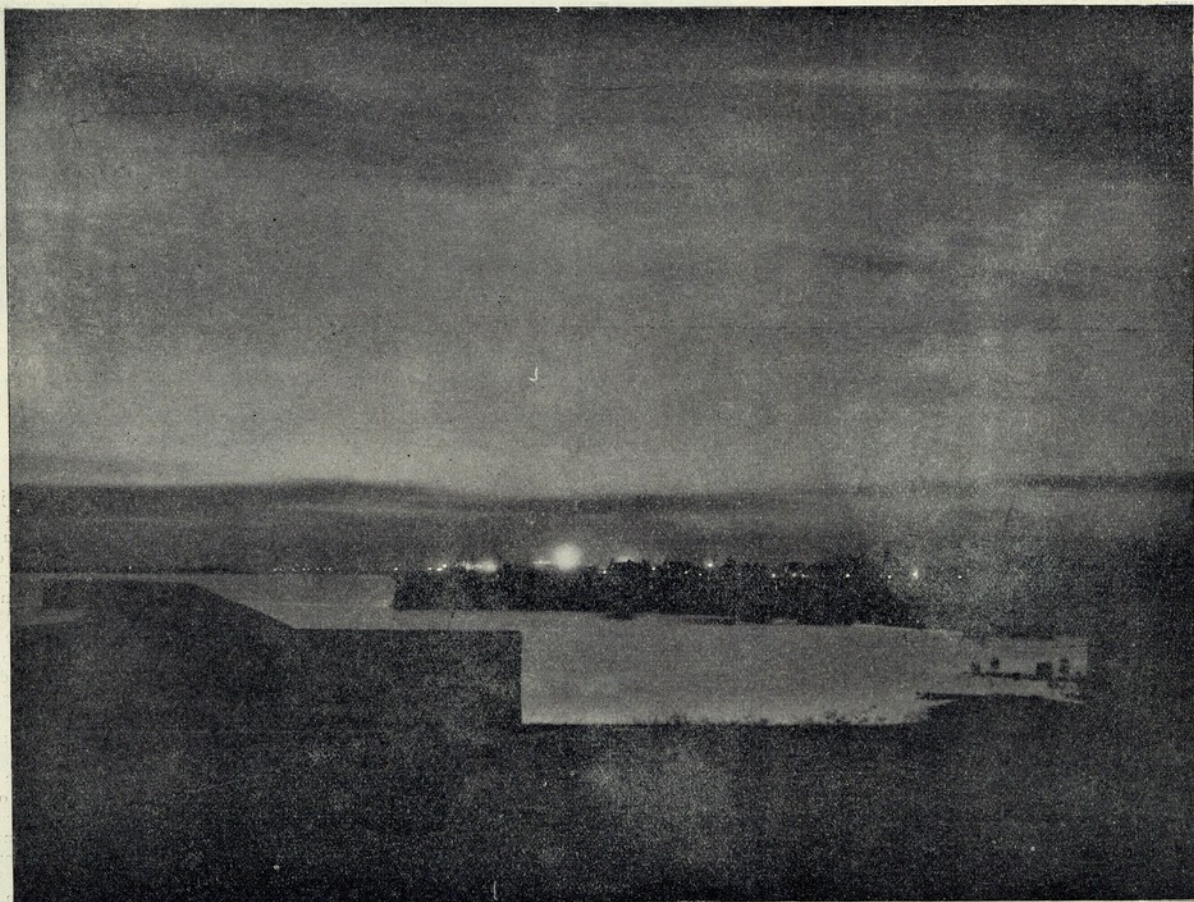
A acção de divorcio correu e o juiz decretou-o, fundamentando a sua sentença desta maneira:

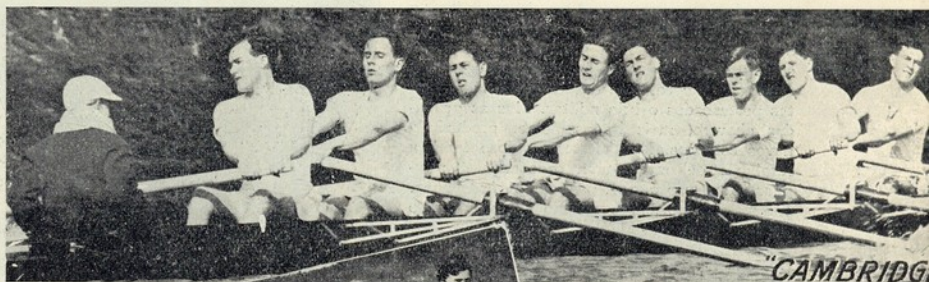
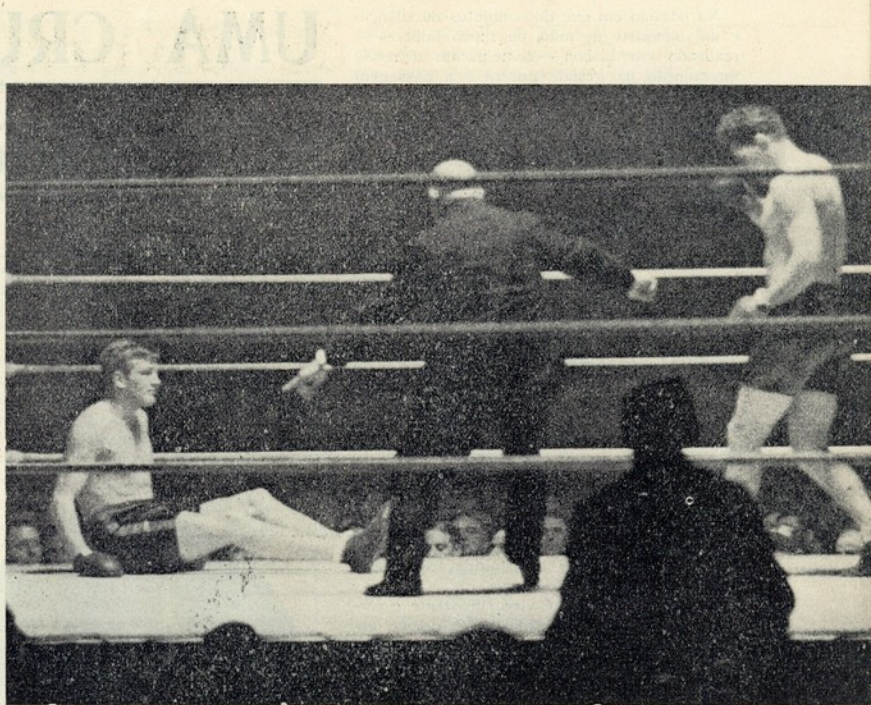
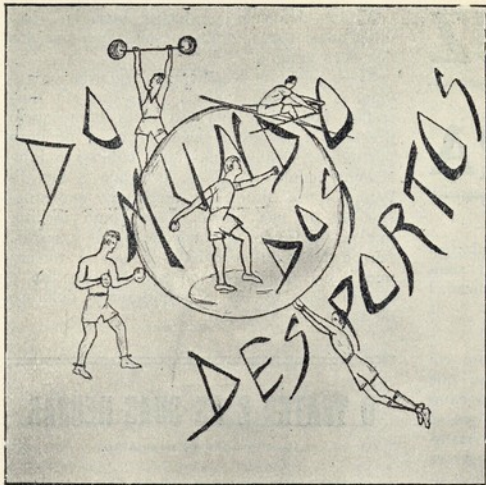
«Uma hilariedade morbida pode ocasionar maior tormento a uma mulher, que os maus tratos, porque é ainda mais brutal».

* * *

Talvez que o julgador — que com a sua sentença demonstrou uma alta mentalidade e um espirito culto — tenha absoluta razão; mas temos de concordar em que nunca nos passaria pelo espirito que o bom humor dum marido (ou duma mulher, que deve ser a mesma coisa) pudesse provocar um divorcio...

De todas as coisas da vida se deve tirar uma lição. Aqui, a lição a tirar — parece-nos — é as nossas leitoras, que tiverem maridos sérios, sizudos, concentrados ou pouco expansivos, conformarem-se com esses seus temperamentos, não vão eles cair no extremo oposto: nas tempestades de riso, nas tormentosas hilariedades, cem vezes piores que os silencios prolongados, os monossilabos secos, ou mesmo as frazes azedas...

Como a sr.ª Johnson — se voltar a casar — deve agora considerar uma delicia um marido assim!...

Anoitecer em Lourenço Marques

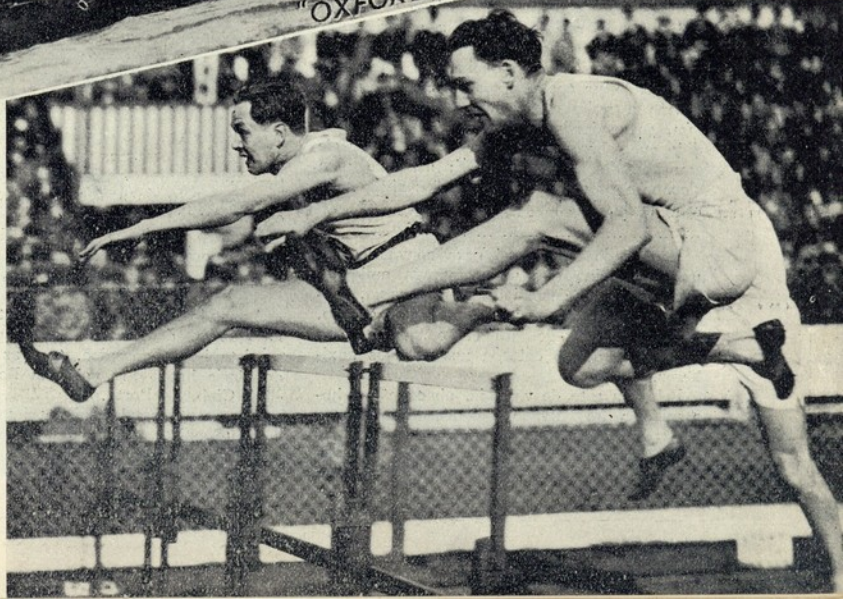
(Fotografia de Raul Roque)

EM CIMA: McCorkindale, o campeão sul-africano, no seu encontro — 12 «rounds» de 3 minutos — com o alemão Walter Neusel, em Londres, no Royal Albert Hall. O combate terminou com um empate. Neusel foi ao chão no primeiro «round».

EM CIMA (á esquerda): O vencedor do 20.º Cross Internacional, J. T. Holden, coroado pelo Presidente da Welsh Cross-Country Association, Mr. H. Facey. O vencedor fez as 9 milhas em 53 minutos e 41 segundos. A Inglaterra ganhou a prova com 32 pontos.

EM 1 de Abril, na grande regata do Tamisa, entre Mortlake e Putney, Cambridge conquistou por 2 1/4 comprimentos a sua 10.ª vitória consecutiva sobre Oxford.

Mas em 18 de Março, no torneio atletico, Oxford vencera brilhantemente por 8 victorias contra 3, quebrando o encanto de sete anos de derrotas.

Na gravura vê-se o magnifico atleta de Oxford, Stanwood, batendo Thornton no ultimo salto das 120 jardas, barreiras.

Stanwood, á sua parte, ganhou três provas: o salto em altura e as duas corridas de barreiras.

Na ocasião em que dois minutos de silêncio e um banquete de mais de 1:000 talheres — realizado em Lisboa — comemoram a nossa intervenção na grande guerra e a passagem do 9 de Abril, afigura-se-nos que nada de mais interessante poderiamos fazer do que trazer á superficie uma das várias figuras que nos campos metralhados da Flandres deram provas de valentia e heroismo, honrando o nome de Portugal. E até certo ponto esta missão, que é um dever de civismo, é tambem uma missão piedosa e cheia de ensinamentos.

* * *

... Na madrugada de 13 de Junho de 1917 (dia de Santo António) foram as linhas portuguesas alvo dum bombardeamento intenso, preparação do inimigo para um ataque.

Como se tornasse sacrificio inutil a permanencia, naquele ponto, das nossas tropas da primeira linha, o comando geral deu ordem de retirada.

O alferes miliciano Fonseca Cardoso, que comandava um pelotão, verificou que os pelotões da sua direita e da sua esquerda retiravam. Mas, como apesar de exposto, com os seus homens, ao bombardeamento, tal ordem não lhe tivesse sido transmitida, aguardou, serenamente, debaixo de fogo.

O fogo do inimigo é vivo, insistente e certeiro, dizimando a soldadesca. O panico começa a apoderar-se de muitos. Há caras alucinadas, estranhas expressões de pavor. Há soldados a disparar, ao acaso, desesperadamente, as suas armas, invocando, em preces aflitivas e desconexas, os santos da sua devoção.

O moço e valoroso oficial, ao ver esse panico de que muitos dos seus homens estão possuidos, procura serená-los, levantar-lhes o moral, recordando-lhes feitos heroicos dos nossos antepassados. E a sua atitude energica, com o auxilio dessas invocações, consegue restabelecer a calma e despertar naqueles peitos perturbados o brio militar. Mas as granadas chovem, mais intensamente, produzindo novos estragos. E o alferes Cardoso toma a resolução de enviar uma ordenança á retaguarda saber o que se passava. A ordenança, porém, não voltou, o mesmo tendo sucedido a uma segunda.

É notada a presença de gazes asfixiantes. Fonseca Cardoso ordena que ponham as mascaras, pondo tambem a sua. Mas, pouco depois, reconhecendo a impossibilidade de comandar os seus homens, tira a sua mascara para melhor se fazer compreender e para animar aqueles que voltavam a desorientar-se ao verem tombar inutilmente os seus camaradas.

Um estilhaço de granada fere-lhe um joelho, de raspão, indo dilacerar um calcanhar do seu impedido, que, horrorisado e sem poder andar, pede ao seu alferes para não o deixar ali.

Os gazes começam a produzir o seu efeito e Fonseca Cardoso principia a experimentar a congestão dos bronquios e dos pulmões como se lhos estivessem queimando com iodo. E, fazendo um apelo ás suas ultimas energias, ordena a retirada aos homens que lhe restam, suspendendo pelo cinturão o seu impedido que, abraçado ao seu pescoço, é por ele transportado até onde pode: até que uma sincope o prostra, já proximo dos abrigos da retaguarda.

... ...

Hospedado num hotel para convalescença, quiz o destino que um camarada amigo o fosse encontrar desmaiado sobre a cama, congestionado, quási morto. Comunicado o caso, por esse camarada, foi então submetido a uma junta que o colocou nos serviços auxiliares.

Pelo seu acto de valentia, abnegação e humanidade, foi louvado e condecorado com a Cruz de Guerra, sendo a segunda ou a terceira Cruz de Guerra do C. E.P.

UMA CRUZ DE GUERRA

Tinha 26 anos, nessa altura, o valoroso oficial miliciano — uma mocidade para sempre perdida, uma vida totalmente inutilizada!

* * *

Soube-se depois a causa do isolamento em que ficara o seu pelotão. Fôra o caso que a ordenança enviada do comando — um campónio boçal — no estado de pavor em que se encontrava, ao aproximar-se da 1.ª linha tivera a impressão de que vira ali capacetes inimigos. E, receando ficar prisioneiro, fugira, escondendo-se sem transmitir aos seus superiores o que imaginara ter visto.

Quanto ás ordenanças que da 1.ª linha Fonseca Cardoso havia enviado, verificou-se que não puderam transpor, no regresso, a barragem do inimigo.

* * *

«Levanta-se a cortina e passa-se para o outro lado, eis tudo» — diz o Werther.

«Mas que dolorosos dramas precedem o levantar da cortina se um suicidio é sempre o epilogo tragico da luta contra a miséria, o desalento ou o remorso! E nos variados circulos do inferno da vida, levantar a cortina e passar para o outro lado, procurando refugio, ocorre aos desesperados».

Foi o que sucedeu a Fonseca Cardoso.

Cerca de 14 anos depois de assim ter ganho a Cruz de Guerra nos martirizados campos da Flandres, sentindo-se inutilizado e receando a loucura, farto de sofrer, «levantou a cortina e passou para o outro lado»...

Um tiro de pistola libertou-o do inferno fisico e moral em que a guerra o havia sepultado.

* * *

Armando Fonseca Cardoso, antes de entrar na guerra, dedicara-se aos desportos. Desportista leal e energico, teve as suas tardes de gloria batendo-se pelo seu Boavista Foot-Ball Club, do Porto.

Alma sentimental, espirito simples, intrinsecamente artista, era um admirador das letras, que tambem cultivava.

Muitas das suas produções literárias, ineditas quási todas, eram mesmo desconhecidas dos seus amigos.

Mãos piedosas recolheram e guardam algumas. E é devido a essas mãos que «O Ilustrado» pode hoje, na tão justa homenagem prestada á memoria deste bravo e bondoso português, arquivar nas suas colunas o interessante conto «A Paz», dedicado á sua filhinha Maria Manuela e escrito no ano anterior ao da sua morte. Esse conto inedito, que é, no fundo, a condenação das guerras, parece ter sido concebido já sob a tortura que havia de levá-lo ao seu trágico fim e escrito debaixo do pressentimento doloroso de tão triste desfecho.

O TEATRO E AS SUAS DEUSAS

(Continuação da pagina 21)

e maciça te-la-ia arremessado, com certeza, contra os blasfemos. Á falta de projectil contundente, disparou-lhes grossarias extraidas do léxico primário de Mme. Angot. Foi com as mãos fincadas nos quadris que a senhora Cecile Sorel bradou, apoplética, do proscênio: — «Ponham na rua esses imbecis»! E foi na mesma linguagem desairosa que ela, no dia seguinte, atribuiu a conluio de colegas invejosas o desacato sofrido pela sua glória. Á sua decrepitude não a imputou, é claro, porque, apesar da certidão de idade e da aventura picaresca do retrato, continua a julgar-se bela e fresca e perfeita de plástica, tanto ou mais talvez do que a virgem esplendida de «La Source», a mais adoravel mulher pintada por Ingres.

A presunção da senhora Cécile Sorel é, na verdade, incomensuravel. Mas não constitue excepção na roda fulgente das estrelas do teatro. Todas as mulheres são sensiveis á lisonja — mormente as que se distinguem do vulgar — pela formosura ou pelo talento. Mas as que se expõem ás luzes da ribalta, essas convencem-se depressa de que são divinas. Desde a noite da estreia, que tem para elas o encanto e o mistério das noites de himineu, envolvem-nas em nuvens de incenso e pressagiam-lhes a estrada da vida perenemente atapetada de louros. Mais tarde, quando a força persuasiva dos réclamos as guinda ao trono da celebridade, os empresários e o publico fazem tudo para lhes darem a impressão de que são sobrehumanas.

Sarah Bernhardt afirmou um dia, com ênfase mas sem mentira, nas colunas do «Figaro», que os estudantes do Rio de Janeiro tinham desengatado os cavalos da sua carruagem e metido os ombros aos varais, para a conduzirem em triunfo ao hotel. E Schurmann, o manhoso empresário da Patti, contou num volume de memorias, como conseguira, em Barcelona, fazer esvair o despeito da famosa «prima donna», vaiada por mercenarios ao cantar a «Traviata». A Patti, furiosa, queria partir, rescindir o contrato. Schurmann, para a dissuadir, precisava de enfeitiçar-lhe a vaidade. E assim fez. Arranjou dezenas de bilhetes de visita de aristocratas e de intelectuais catalães. E escreveu neles, sem escrupulo, frases como estas: «Á primeira cantora do mundo. Perdoai-lhes; eles não sabem o que fazem. Harpa celeste, não deixes de te fazer ouvir», etc., etc. A Patti, ao receber os bilhetes, rejubilou. E apressou-se a dizer ao empresário: — «Sabe? Ficamos. A Espanha é um país encantador e os espanhois são modelos unicos de gosto artistico e de galantaria...»

Como é que pessoas iludidas com tanta finura não hão-de ser impertinentes e ridiculas quando percebem que as querem desiludir?

Victor Falcão.

— Aninhas! Oh, Aninhas!

Quási todas as tardes, quando o sol, lá para as bandas do mar, expirava numa agonia rubra, este apelo cortava o silêncio religioso da velha aldeia, donde a essa hora subia para o ceu o perfume acre da lenha mal seca ardendo para a confecção da ceia, que mãos calejadas receberiam pressurosas e bocas esfomeadas devorariam ávidamente.

E lá de longe, na direcção do Cruzeiro, sempre a mesma vozita cristalina se ouvia com prazer, na pronta resposta: — Senhora, vou já!

Minutos passados, a Aninhas, transpunha apressada a soleira da sua tosca morada e, já abancada á mesa, diante da sua malguinha onde fumegava a habitual ração de caldo, respondia invariavelmente á pregunta da mãi: — estava a brincar com as filhas da Ti Rosa.

A mãi, para quem a filha era a luz dos seus olhos, como ela tão carinhosamente dizia ao falar de Aninhas, conformava-se sempre com a resposta; e, diligente, acabava de servir a ceia e, apoz mais algumas voltas nos acanhados compartimentos, olhando atentamente para tudo, não lhe tivesse esquecido alguma coisa, ajoelhava diante do pequenino oratorio, e numa prece sentida, de comovedora simplicidade, pedia a Deus, que lhe desse saude e á sua menina e que a esta protegesse com a sua divina Bondade.

Aconchegava depois a roupa da camita, onde a sua Aninhas dormia já a sono solto; e, depois de a beijar com infinita ternura, procurava no repouso duma noite o equilibrio das forças, que um dia inteiro de canceiroso trabalho lhe havia depauperado.

A Aninhas, era uma encantadora cachopa de onze anos a quem um delicioso palmito de cara emprestava a graça dum anjo. E tanto assim era, que lá na aldeia muitos afirmavam a sua parecença com um dos anjos da imagem de Nossa Senhora da Conceição, que estava na igreja.

Nos seus olhitos, duas buliçosas esmeraldas que a natureza sábiamente engastara nessa joia preciosa, havia reflexos duma expressão magoada, que nem a alegria do seu interessante sorriso conseguia ocultar.

É que da sua mente não mais se varrera aquela triste visão da despedida do pai, que numa radiosa tarde de Abril, partira para a guerra, levando no coração a imagem da mulher e da filha e no rosto a doce impressão dos beijos que elas lhe deram, beijos tão puros, que cairam na sua alma em cristalizações de amor, e cuja recordação foi o mais suave lenitivo para as agruras da campanha.

Apesar de novita ainda, esta cena ficou gravada na memoria de Aninhas, enchendo-lhe a alma de saudades, e eram estas que se refletiam nos lindos olhos da cachopa. Ou não fossem os olhos o espelho da alma.

E quiz a má sorte, que o pai nunca mais voltasse dessa maldita guerra, onde os menos culpados foram sempre os mais sacrificados.

* * *

Uma tarde chegou, em que a mãi, em vez de chamar pela sua Aninhas, foi procurá-la a casa da Ti Rosa, onde não estava, sendo-lhe dito não ser de lá que ela, todas as tardes, respondia ao seu chamamento. Aflita, sem compreender o motivo por que a filha lhe mentia, partiu em sua procura, indo encontrá-la ajoelhada nos degraus do Cruzeiro, orando de mãos postas.

— Rezavas por alma de teu pai? — preguntou-lhe a mãi acercando-se dela.

— Não, minha mãi, porque ele era um santo e a sua alma está no ceu. Pedia a Deus para não haver mais guerras,que deixam tantos filhos sem pai, tantas mãis e viuvas sem amparo e tantos lares sem pão.

* * *

Aninhas, na simplicidade e candura dos seus onze anos, era a sublime incarnação do Anjo da Paz.

Porto, 9 de Setembro de 1930.

Armando Fonseca Cardoso.

PAIXÃO DE CRISTO

Os sinos gritam de alegria nesta manhã de Aleluia.

Nada como os sinos reproduz melhor o sentimento das almas, pois se dobram em dias de luto, como no de Finados e no das Trevas, onde o seu tanger é de saudade e o seu repicar é um retrato da tristesa, quando chegam os dias alegres como os do Natal e da Pascoa, o seu badalar tem riso, tem a expressão alegre da felicidade.

Terminou a Semana Santa, soou colorida a Aleluia. Há pombas brancas, voando pelos ares, brincando á luz do Sol garrido, há rosas coalhando de perfume e de côr a alvura das toalhas dos altares e iluminando as carinhas rosadas dos anjos, toucados de ouro nos retabulos das capelas.

Cristo ressuscitou!

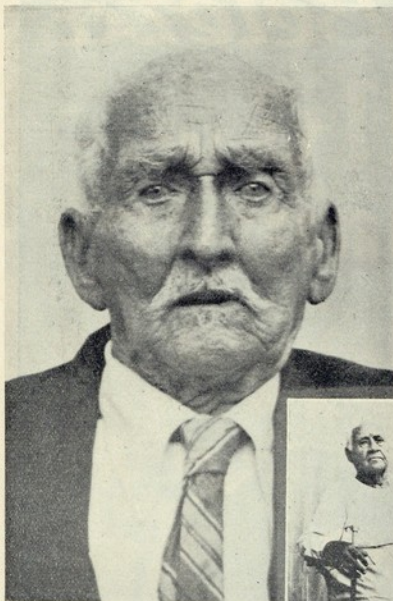
Passaram os dias a que a Igreja Católica chama a «Paixão de Cristo».

Numa longada dos Sete Passos, Jesus caminhou de lenho aos ombros levado a crucificar pela justiça dos Romanos, acusado pela voz de Caifaz, e julgado por Poncio Pilatos, que da sentença iniqua lavou as suas mãos.

Foi esta a Semana da Paixão de Cristo, que preso no Horto das Oliveiras pela traição de Judas, foi levado entre as lanças dos centuriões e as vaias dos fariseus até ao Pretório.

Os ódios que fizeram sofrer a Jesus de Nazareth uma semana de dôr, fizeram a Semana da Paixão. Paixão traduzida nos espinhos da sua fronte e nas chagas dos seus pés e das suas mãos.

Paixão de Cristo!

Não teria tido Jesus, na Terra, outra paixão? Uma paixão de amor?

Reprodução á pena do quadro «Jesus Cristo», de Veloso Salgado

Porque não?

Há uma mulher sempre na vida de todos os homens, uma mulher que lhe perturba os sentidos, que lhe toma a alma e lhe enche a existencia, uma mulher que afinal é na existencia do homem a sua Vida!

Jesus não podia, embora a sua forma santificada, alhear-se das leis do coração.

* * *

Em terras da Judeia vivia no máximo explendor uma cortesã, nascida na planicie arida da Magdala, que vendia a sua belesa impressionante aos ricos que a cobriam de joias e de sedas e que também se dava aos pobres, famintos de amor, porque num desvairo sensual Ela a todos amava, a todos entregava vaidosa a sua belesa dominante.

Era linda essa mulher!

Nas bacanais, entontecida pelos vinhos de Corynto, espojava a sua quási nudez sobre os estofins cobertos de panos de Damasco, perturbante, bela, plena de tentação. Era alta e morena, bem traçada nas linhas do corpo, bem vincada no recorte da figura apetecivel, vestindo uma tunica verde esmeralda — côr da esperança — duma esperança prometedora, e calçava de sandálias de ouro. Tinha os cabelos bem pretos, o rôsto crestado pelas brisas do Jordão, os olhos muito negros, vibrantes de volupia e os lábios vermelhos como o lume das sensualidades.

A carne do colo lindo, a frescura dos braços e o perfume das mãos, eram iluminados pelos colares de diamantes de Oman, das pulseiras de safiras do Industão e dos aneis de pérolas negras de Ceylão.

Era linda essa rapariga que se chamava Maria Madalena.

Um dia, cansada dos desejos de amor dos homens, soube que havia um môço da Nazareth que sarava os males do corpo e da alma. Procurou-o, buscou-o e de longada correu de vale a monte, de aldeia ao deserto para que Ele a curasse do pecado, para que Ele a redimisse do desvario, para que Ele lhe sarasse a carne babujada pelos beijos lubricos.

Encontrou-o.

Era um môço tão moreno como Ela, de expressão bondosa, trazendo nos olhos a luz dum perdão e nos lábios o suave sorriso duma benção.

Tinha vinte anos e um século de bondade...

Ela beijou-lhe os pés e Ele perdoou-lhe os seus pecados.

Desde essa hora, descalça, trocando pela alvura do linho duma tunica modesta a seda da sua tunica verde, despojada das perolas, das safiras e dos diamantes seguiu-o e amou-o.

Jesus procurou-a sempre. Soube que Ela fôra aos pés de Pilatos rogar o indulto da sua morte, viu-a acompanhá-lo ao Calvário, chorosa e desolada amparando-lhe a Mãi.

Do alto do madeiro Jesus olhou-a até o momento extremo do seu derradeiro suspiro.

Ela santificou-se por Ele. Ele morreu pensando nos homens... e talvez pensando nela!...

* * *

Quando Jesus a encontrou disse para os seus discipulos: «Que perdoados lhe sejam os seus pecados pelo muito que amou». Mas talvez dissesse para o seu coração: «Que perdoados lhe sejam os seus pecados pelo muito que eu a amo!»

Fernando Baldaque.

UM VELHO PIONEIRO

O capitão da marinha mercante inglesa Mr. George Roberts que veio pela primeira vez a Lourenço Marques há 63 anos como comandante de uma barca procedente de Durban e está aqui de visita a seus filhos.

Mr. George Roberts com sua esposa. —(Clichés Arnardo).

PERCY CARY

O actual recordman mundial de resistencia ao piano.

Percy Cary, que nesta quinzena tocou piano no Café Rialto durante 72 horas e 54 minutos, bateu o record anterior, pertencente a Mr. L. Aubrey Brokenska, da Africa do Sul, de 68,30 horas.

Um elegantissimo vestido de soirée, modelo do conhecido atelier de modista de Londres Messrs. Debenham & Freebody. E' original por ter aplicada uma capinha de setim, curta na frente e terminando em pontas nas costas, a condizer com o vestido

Este pequenino chapeu, caido sobre a testa, corresponde aos ultimos modelos de Paris, e foi moldado em palha branca e guarnecido com um discreto ramo de flores pela conhecida modista de chapeus Suzy

Estes lindos pijamas de praia, são da ultima moda, e foram feitos por cegos, em malha finissima. O barretinho é preto com duas tiras azuis uma mais clara e outra mais escura. Estas cores aparecem tambem no corpo e nas calças

POLANA – Maré cheia de... automóveis